

Um bom texto

Uma simples busca na Internet com as palavras “*publishing scientific papers*” retorna imediatamente anúncios de empresas de editoração científica, que prometem: “*Os melhores tutores sobre mais de 200 tópicos científicos*”, “*assessoria para redação de trabalhos de alunos do ensino médio a teses de doutorado*”, “*estabelecer pontes entre a pesquisa e a publicação*”. O que motivaria essa proliferação na oferta de ajuda profissional em área que até alguns anos atrás nem se cogitava necessária?

Em primeiro lugar, a pressão para publicar, especialmente em determinadas revistas altamente competitivas. Lucram as revistas que mais se destacam neste mercado, com textos de melhor qualidade e mais bem apresentados. É discurso comum dos profissionais dessas empresas que os cientistas precisam aprender a “vender melhor seu peixe”. Entretanto, para além do estímulo marqueteiro, é necessário refletir sobre o processo de produção do texto científico, em especial na Saúde Coletiva.

Começemos lembrando como era comum consultarmos os colegas sobre nossos trabalhos. Um artigo semipronto era lido e criticado antes de ser submetido. Isso permitia ao autor polir o texto, deixá-lo mais claro. Sem falar no tempo que o texto ficava em gestação. Não havia preocupação com o volume de artigos que uma pesquisa poderia gerar, mas sim em seu conteúdo. Mas, sem saudosismo: também se escrevia à mão, e qualquer mudança após o texto ter sido datilografado era bem custosa.

O que nos faz retornar ao problema inicial. O que na verdade pretendemos com o texto científico? Que ele seja lido e que contribua, mesmo que modestamente, para a construção do conhecimento na área. Muitas vezes os autores esquecem que há um leitor ao final desse processo. A pressa para submeter o artigo torna os autores descuidados, o que, aliado à falta de prática e à pouca ajuda de pesquisadores mais experientes, traz para os editores e consultores a antipática tarefa de dizer: seu texto está muito ruim!

Às vezes dizemos isso com o coração apertado: a ideia é inovadora, a quantidade de trabalho investido na coleta dos dados e estudo, imensa, e... o resultado final é quase ininteligível. Outras vezes, temos um artigo bem escrito, sem erros gramaticais, mas que se perde em detalhes de tal forma que no final não se consegue entender onde o autor pretendia chegar. E mais: textos com descompassos entre introdução e discussão, entre objetivos e métodos. Sem falar no resumo, talvez a peça mais essencial e mais negligenciada de todo o processo. Não é incomum recebermos em CSP artigos cujo resumo não deixa claro o conteúdo do manuscrito.

Refletindo sobre essas questões, estamos propondo algumas mudanças em CSP. Começaremos pela revisão das instruções para os autores, buscando especificar o que se espera em cada tipo de artigo nas diferentes seções. Pretendemos introduzir uma avaliação e, caso se julgue necessário, faremos uma intervenção sobre a escrita de artigos quase aprovados. Nesses casos, além da revisão gramatical já realizada, a estrutura e lógica do texto receberão tratamento profissional, a exemplo do que algumas revistas já fazem. Não buscamos textos padronizados, cerceados na sua expressão, mas sim melhorar a redação dos manuscritos publicados, de modo a torná-los mais convidativos à leitura e, principalmente, mais claros. Cabe enfatizar que não estamos sugerindo que autores busquem serviços profissionais, mas sim que tenham um olhar mais atento, ou, voltando a uma palavra antiga, mais capricho na produção de seus artigos.

Temos sido cada vez mais exigentes com a qualidade dos artigos que CSP publica, incluindo o texto. Pelo que já recebemos de submissões até agora, nosso índice de rejeição em 2013 deverá ficar em praticamente 90%. Um bom texto trará vantagens: maior chance de ser aceito, mais rapidamente publicado e, principalmente, leitura mais interessante.

Marília Sá Carvalho, Claudia Travassos, Cláudia Medina Coeli

Editoras